

BIOTERRORISMO

Aniquilação ao alcance de todos

Especialista alerta para o perigo global dos microrganismos transformados em armas

SERGIO VILAS BOAS
de São Paulo

Com o fim da Guerra Fria, o bioterrorismo (atentados com armas biológicas) teve de ser incluído com ênfase na lista de preocupações de governos nacionais, da ONU e da Organização Mundial de Saúde (OMS). "Com todos os avanços, ou talvez exatamente por causa deles, o mundo todo, não apenas os EUA, está hoje vulnerável a ataques desse tipo", afirma Laurie Garrett, especialista em bacteriologia e imunologia, colunista do diário nova-iorquino "Newsday" e vencedora do Prêmio Pulitzer pela cobertura da tragédia do ebola no Zaire em 1995. Segundo Laurie, autora do recém-lançado "Betrayal of Trust: The Collapse of Global Public Health" (Hyperion) e de "A Próxima Peste" (Nova Fronteira, 1995), não há doses suficientes de vacinas contra os vírus mais potentes; as brigadas de defesa civil estão despreparadas; o intercâmbio entre os países se intensificou ao ponto de impedir o controle de patogenias provocadas; e os terroristas cada vez mais têm-se amparado na internet para ensinar como produzir (e utilizar) armas biológicas. "É fácil e barato", diz Garrett. "As armas biológicas são as bombas de Hiroshima dos pobres." Laurie preferiu conceder esta entrevista por e-mail.

Gazeta Mercantil - A preocupação com o bioterrorismo é "coisa de americano" ou todos os países têm motivos para estar alertas?

Laurie Garrett - O bioterrorismo é um problema autenticamente global. Nenhum país ou povo hoje pode ser considerado completamente imune a sua ameaça. Os EUA têm mais a temer simplesmente porque as pessoas detestam o país, se opõem à sua po-

lítica e o tomam como alvo principal. Os EUA são, afinal, o país mais rico e poderoso do mundo, saiu vitorioso na Guerra Fria e 2% dos americanos mais ricos controlam aproximadamente 10% da riqueza global. O país tem presença militar em aproximadamente cada setor do mundo. Além disso, é o mais forte aliado e protetor de Israel, o que inevitavelmente amplifica o ódio por parte de organizações islâmicas e do Oriente Médio.

GZM - Uma epidemia desencadeada contra um alvo americano pode se disseminar além dos EUA?

Garrett - Muito antes de começarem as viagens aéreas comerciais, a pandemia da gripe de 1918 circunavegou o planeta três vezes em apenas 18 meses. Hoje, com milhões de pessoas entrando a bordo de aviões todos os dias, seria impossível conter uma variedade mortal de gripe para um país específico. Considere, por exemplo, que muitas guerras étnicas irromperam após a queda da União Soviética e que há países e grupos terroristas isolados no mundo inteiro, hostis a alvos não-americanos.

GZM - É preciso ser gênio para construir uma arma biológica?

Garrett - Todas as ferramentas necessárias para produzir um eficiente vaporizador de antraz, pleno de micróbios mortais, podem ser obtidas por menos de US\$ 100. Já vimos uma série de malucos e de seitas estranhas que fabricam e usam essas armas. No Japão, o culto Aum Shinrikyo, por exemplo, liberou a bactéria que produz o botulismo em uma cidade japonesa bem antes de executar o ataque com gás sarin nas estações de metrô de Tóquio. Para aqueles que pretendem usar armas mais sofisticadas, incluindo bombas biológicas que podem ser lançadas com

mísseis balísticos intercontinentais, a tecnologia já existe, graças em grande parte ao antigo programa soviético Biopreparat.

GZM - A paranóia do período da Guerra Fria persiste?

Garrett - Bem, as pessoas sempre podem encontrar um motivo para ser paranóicas, caso tenham essa tendência. Mas percebo onde você quer chegar. Entendo que sua pergunta é se o medo do bioterrorismo é simplesmente um substituto para os tempos da Guerra Fria. Eu pensava assim no início, quando essas questões começaram a emergir alguns anos atrás. Depois de muito tempo de investigação, incluindo uma visita aos laboratórios de guerra biológica da ex-União Soviética na Sibéria, e de cobrir a guerra do Golfo Pérsico, me convenci de que esta é uma ameaça genuína.

GZM - Quais são os efeitos dos avanços da biotecnologia sobre os planos dos grupos terroristas?

Garrett - O problema crítico de tentar deter o uso de armas biológicas é a transparência. Tanto as armas nucleares quanto as químicas requerem facilidades amplas e específicas para sua produção e armazenamento. Esse tipo de arma é terrivelmente difícil de esconder. Em contraste, um laboratório de armas biológicas se parece exatamente com um laboratório de biotecnologia, um laboratório universitário de pesquisa ou uma indústria farmacêutica.

GZM - Há websites que ensinam as pessoas a fazer armas químicas e

biológicas. Sabem exatamente o que estão fazendo?

Garrett - Muitos são malucos que realmente não têm idéia do que estão falando. As pessoas que seguirem suas receitas provavelmente vão morrer durante o processo de fabricação da arma. Mas há uns poucos que são precisos e cheios de ódio. Entrevistei alguns operadores desses sites e também pessoas que publicam livros didáticos. Eles não têm remorsos e quase todos são racistas de extrema direita. Sei que esses websites existem em dúzias de línguas e muitas vezes não há como localizá-los.

GZM - A internet pode (ou deve) ser regulamentada de alguma forma a fim de censurar esses sites?

Garrett - Não pode, não deve e nem seria possível. Então temos de conviver com isso. Uma exceção, creio, são os sites que facilitam a encomenda de micróbios online.

GZM - Na hipótese de um ataque, que poder de destruição teriam o vírus causador da varíola e a bactéria que causa o antraz?

Garrett - A bactéria do antraz não pode ser transmitida de uma pessoa para outra, mas pode ser inalada na forma de esporo. A varíola é extremamente perigosa, porque poucas pessoas no mundo estão imunes a ela. Basta deflagrar um ataque dentro do sistema de ventilação de um hospital, por exemplo, para que uma única ocorrência de varíola se prolongue indefinidamente.

GZM - No capítulo de "Betrayal of Trust" sobre bioterrorismo a senhora

afirma que os estoques mundiais de vacina são limitados e estão armazenados em péssimas condições. O que isto significa?

Garrett - Em caso de um ataque com o vírus da varíola hoje, a imensa maioria da população mundial estará indefesa. Considerando o índice de 30% de alcance letal do vírus, pode-se afirmar que 2 bilhões de pessoas poderiam morrer.

GZM - Não há ocorrências de ataques com armas biológicas a partir do vírus da varíola. E com antraz?

Garrett - Ameaças de antraz são agora tão rotineiras nos EUA que o FBI recebe ligações de qualquer parte do país quase diariamente. A maior e mais mortal liberação de antraz foi um acidente. Uma fábrica soviética de armas biológicas em Sverdlosk explodiu no final dos anos 70. Centenas de pessoas morreram nas cidades vizinhas à fábrica e os militares soviéticos tentaram encobrir o desastre por duas décadas. Ninguém admite que produziu antraz, exceto os soviéticos.

GZM - Por que as Forças Armadas, as equipes de defesa civil especializadas em substâncias perigosas e os sensores de alta tecnologia disponíveis nos países visados estão despreparados para lidar com eventuais ataques bioterroristas?

Garrett - Toda a psicologia da alta tecnologia é obtusa. Ela advém de uma filosofia inibidora trazida da guerra contra as ameaças químicas e nucleares. Pode-se detectar a radiação com equipamentos sofisticados. Pense no seguinte: se um idiota colocar um pulverizador com o vírus símio D geneticamente modificado em um detonador, no centro do Rio de Janeiro, em pleno Carnaval, quem



Vítimas do ebola num hospital em Uganda: poder letal das epidemias pode ser aguçado por terroristas

vai saber? O terrorista, a menos que seja um tolo, não vai anunciar: "Espalhei um vírus no Rio hoje." E a cidade não estará circundada por sensores de alta tecnologia que poderão detectar o vírus símio D. Portanto, como saberemos que um ato tão covarde foi realizado?

GZM - No caso, como os acontecimentos podem se desdobrar?

Garrett - O vírus se inoculará em milhares de pessoas, incubando-se. Uma por uma, depois de algumas horas ou dias, as pessoas adoecerão e começarão a superlotar os hospitais cariocas com o que, inicialmente, parecerá aos médicos uma epidemia de gripe. Os pacientes serão enviados para casa, com a recomendação de beber muito líquido e ficar de cama. Em seguida, começarão a morrer, e as equipes da Saúde Pública que mantiverem contato com os doentes também adoecerão. Depois, talvez muito antes de qualquer laboratório brasileiro de análises clínicas conseguir identificar a patogênese, centenas de pessoas vão invadir os hospitais e o pânico se espalhará.

GZM - Nenhum sensor de alta tecnologia pode deter isso?

Garrett - Sem a menor chance. O que protegeria o Rio de Janeiro, pelo menos até daqui a alguns anos, quando inovações científicas relevantes surgirem, seria uma forte infraestrutura de saúde pública, incluindo treinamento e médicos capazes de identificar claramente os sintomas, criando uma rede de vigilância que pudesse rapidamente reconhecer a emergência de uma nova epidemia, em apoio à perícia dos laboratórios, de modo que a patogênese fosse identificada de imediato.

GZM - Então existe uma forte relação entre combater o bioterrorismo e fortalecer o sistema de saúde pública...

Garrett - Evidentemente. Mas o assunto é tão novo para a maioria das autoridades da área, e levanta questões tão desconfortáveis, que fica difícil até determinar exatamente o papel da saúde pública no problema.

GZM - Que instituições recebem recursos previstos no orçamento do governo dos EUA para combate ao bioterrorismo?

Garrett - O dinheiro vai para as Forças Armadas, o FBI e as demais polícias. A administração Clinton ofereceu uma definição mais ampla para segurança nacional, protegendo as pessoas da Aids e de outras doenças infecciosas que vierem a surgir. É o óbvio. Como o governo Bush certamente reverterá a situação, agora tudo é bastante duvidoso.